

A DAMA DOURADA

Gabriela Richinitti (PUCRS)¹

O cheiro de gasolina fazia doer sua cabeça. O pai e a mãe gritavam muito nos dois bancos da frente, dizendo nomes que nem cabiam nos ouvidos da criança. Silhuetas de árvores corriam depressa à margem da estrada, recortando-se contra um céu que começava a ganhar cores tímidas. A noite estava grávida da aurora.

A mãe estava grávida também; a menina teria um irmão – ou não teria. Sobre isso é que brigavam. O pai queria descosturar o filho que a mãe trazia na barriga, enquanto a mãe queria deixá-lo tentar o mundo. Dizia que ninguém lhe meteria agulhas, sentia um medo muito grande de morrer.

A menina não tinha opinião sobre aquele assunto; aonde quer que estivessem indo, queria que chegassem logo. Eles a arrancaram da cama bem no meio de uns sonhos bonitos, em que ganhava uma bicicleta e pedalava entre as árvores. Aquela viagem parecia infinita. Por que não iam a bordo da carona das árvores, já que elas passavam tão depressa pelo carro?

Pensou em fazer a sugestão. Perguntou para onde estavam indo. Não responderam. Da segunda vez, o pai disse, cuspidando para trás: “cala a boca, demônio”.

Então calava a boca – menos por obediência do que pela vontade de chorar. A raiva que sentia do pai fez com que engolisse as lágrimas.

Encostou a cabeça no vidro e tentou distrair-se da briga; foi misturando os olhos à paisagem, ao rápido desfile da vegetação, convencendo-se de que tudo passava. Até mesmo as coisas fixas – como as árvores – passavam. A criança passava nas pessoas; um dia, seria moça pronta, teria sua vida, seu dinheiro, sua bicicleta, suas opiniões... sua gasolina para ir aonde quisesse. Mas não iria de gasolina. Viajaria em árvores e ideias e sonhos e ventos e assobios.

Foi quando se deu conta de que estavam sendo seguidos. Deixou escapar um ganido de susto, que a mãe e o pai, xingando-se, não escutaram; ainda bem, pois logo se arrependeu. Se os alertasse do que via, talvez eles espantassem com um safanão, como faziam às moscas.

Não se tratava de um perseguidor daqueles inimigos que, nos filmes de suspense, seguem os carros das boas famílias para fazer maldades. Nem a família

¹ Mestranda em Escrita Criativa pela PUCRS.. E-mail: grichinitti@gmail.com.

dela era boa, nem quem os perseguia o fazia por qualquer mau intuito. No mundo, as coisas compensavam-se. A família muito ruim tinha um perseguidor do bem. E nele a menina reparava, esquecendo-se aos poucos dos solavancos do carro e da briga dos pais.

Na verdade, uma dama misteriosa. Luzidia, dourada. Lindíssima, apesar da funda cicatriz que lhe maculava uma das faces. Até seus defeitos formavam desenhos bonitos; sua grande cicatriz lembrava um coelhinho da Páscoa insculpido sobre uma superfície de ouro.

Vinha por causa dela, de escolta; o pai e a mãe não a percebiam, porque a dama cuidava de caminhar bem junto à borda de sua janela, cautelosa e discreta. Aliás, nem caminhava; flutuava cheia de magia, ajustando seu desfile à velocidade do automóvel, sem o menor indício de cansaço. Como podia alguém andar com tanta rapidez e elegância?

O pai colocava uma pressa perigosa ao carro, que avançava aos sacolejos. A mulher de dourado vinha junto, olhando-a em silêncio. Seu rosto era carinhoso, marcado por aquelas cicatrizes de quem já havia experimentado na carne áurea as dores mais terríveis. Esperava a hora em que a menina resolveria contar o que a rasgava em mudas tristezas. Ou deixava que ela ficasse somente quieta, pousando-lhe os olhos até que deles escoassem lágrimas recheadas de mágoa, limpando a sujeira de dentro. A dama estava ali e entendia a riqueza das angústias de uma criança.

Começou a falar baixinho, mais na cabeça do que na garganta. Não importava; a fada loura a escutava, não precisava gritar por cima dos adultos. Contou-lhe que os pais brigavam muito, todos os dias, e que várias vezes diziam que ela viera ao mundo no bico não de uma cegonha, mas de um urubu que fizera a entrega no casebre errado. Uma boca dando custo, amaldiçoada.

Puxou a manga do pijama até a dobra do cotovelo e mostrou a constelação de picadas de cigarro; dói muito, disse a Lou, que – agora ela sabia – era o verdadeiro nome da mulher dourada.

“Tu quer mais uma desgraça dessas aqui?”, disse o pai à mãe, descolando a mão do volante, lançando o braço para trás e desferindo uma bofetada firme na coxa da menina.

“Tu quer mais uma louca, louca que nem tu, resmungando sozinha?”. A mãe disse que ninguém lhe enfiaria nenhuma agulha suja, que não ia sangrar feito porco até virar presunto.

É que a tia da menina, irmã da mãe, morrera assim. Ela contou a história a Lou numa telepatia silenciosa, pois era segredo. Morrera tentando tirar um filho que crescia na barriga. O ponto errado não pôde ser desfeito, e ela sangrou nas mãos de um alfaiate ruim. O homem se afligia, desesperava; então foi embora, fugido pela porta. A tia ficou deitada na cama, esvaindo-se por compridas horas até que alguém a encontrasse sobre o sangue gelado, o começo de filho a escorrer disforme pelo meio das pernas. Um emaranhado de fios descosidos, um pulôver de criança ainda não terminada, as agulhas cruzadas em sinal de desistência sobre o lençol.

Perguntou a Lou se era verdade a história do urubu; ela lhe respondeu que não, jamais poderia ser real aquilo que lhe repetiam só para entristecer. Das alturas, Lou acompanhara o nascimento; sua cegonha tinha um peito sadio e branquíssimas

penas. Voara com tanto vigor que provocara uma ventania capaz de erguer as saias das senhoras que passeavam com seus cãesinhos na rua. A menina riu dessa história, cobrindo a boca com a mão. Na noite de magia em que nascera, libélulas luminosas valseavam com as estrelas.

O carro vencia buracos; a cada solavanco, a menina temia que Lou entornasse, saltando fora e a deixando sozinha com a mãe delirante e o pai a jurar mortes. Chegaram a uma viela imunda e vazia, margeada por terrenos baldios e algumas construções de tapumes. Lou permanecia firme às bordas da janela, acompanhando a menina. Na frente dos outros, o pai não gostava de bater; na frente de Lou, o pai não ergueria a mão para machucá-la.

Mas ele desceu e, com o punho cabeludo, esmurrou a lataria do carro, fazendo ali um sulco. Foi contornando o veículo, vermelho de maldade. A mãe agora urrava tanto que precisava tossir, não cabendo o volume do berro na boca. Um tremelico atravessou a espinha da menina e, não fosse Lou pedindo calma, teria gritado.

Viu quando a mãe foi arrancada pelos cabelos do assento e, com uma bofetada, ficou estendida na rua, chorando para dentro, tentando engolir o choro. O pai dobrou o corpo para o interior do automóvel; raízes de sangue convergiam para o centro dos seus olhos. Da boca fugia um hálito avinagrado. “Se tu, demônio, faz um barulhinho que seja, eu juro que escuto e venho te matar. Venho te matar de uns jeitos que ainda nem inventei. Espera feito defunta aqui dentro, não mexe nem o olho. Se demorar pra sempre, é pra sempre que tu tem que esperar”.

Trouxe para dentro do carro o braço direito, e nele veio embarcado o fogo maldito. Arreganhou a manga da menina e pressionou a brasa contra a pele delicada do pulso. Passou a língua pelos lábios, deliciado, e demorou mais do que nunca naquela picada, mergulhando fundo na carne.

Da janela, Lou viu tudo. Em sua impotência de fada, baixou a face triste. As fadas moravam longe demais para intervir no mundo das pessoas. Nas grossas cicatrizes, o coelhinho parecia curvar-se. Também Lou teria sofrido violências assim? E não deixara – nem por isso – de tornar-se a bela dama luminosa. Talvez as crianças sofridas virassem libélulas.

Algumas libélulas coloridas revoavam na vista da menina, mas estavam longe, muito pequeninas. Não podia tocá-las.

O céu ruborizava. Em sua incipiente claridade, a dama ia se perdendo.

O pai trancou a porta e saiu arrastando o corpo mole da mãe, desistida de resistências.

A menina cobriu com a mão a nova ferida e pousou a vista em Lou, já bastante diluída contra a luz da manhã. Uma tristeza gigante espalhou-se pelo coração. Não sentiu necessidade de dizer nada. Pegou a promessa latente de que a outra retornaria, não fosse tardar muito – não mais que um dia. Na borda dos olhos, equilibrou-se uma lágrima.

Um entorpecimento cada vez maior atravessava seu corpo; caíam lentas as pálpebras, sopesando o silêncio. A lágrima entornou, descendo sem pressa pelo rosto adormecido. Lavou consigo a parte aguda da tristeza.

A lua descolou-se do vidro e se desintegrou na aurora. O sol principiava a arder sobre o mundo.

O pai não voltou mais.